Caminhos Cruzados: Notas Sobre o Método de Antonio Candido à Luz de Seus Estudos Sobre Sérgio Buarque de Holanda, Historiador do Arcadismo

Crossed Roads: Notes on Antonio Candido's method in the light of his study about Sergio Buarque de Holanda, the historian of Brazilian Arcadian literary style

Luis Alberto Nogueira Alves*

A crítica dos criadores é muitas vezes programa; examinando outros escritores, procuram ver claro neles mesmos; o que lhes desagrada é o que não fariam, e ao defini-lo são levados a definir as suas próprias intenções, até então meras veleidades ou impulsos subconscientes.

Antonio Candido[1]

Eu me sinto muito afim da crítica do Sérgio [Buarque de Holanda], é claro, porque tinha com ele afinidades intelectuais e por isso éramos grandes amigos. Nós pensávamos muita coisa parecida, do ponto de vista da teoria crítica circulávamos no mesmo horizonte, líamos os mesmos livros, trocávamos idéias. Creio que compreendo bem o Sérgio porque participo da visão crítica dele.

Antonio Candido[2]

* Professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

[1] CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, v. II, p. 323.

[2] Intervenção em debate sobre Sérgio Buarque de Holanda. Ver nota 39.

Antonio Candido admitiu, certa vez, que seu estudo sobre o método crítico de Sílvio Romero marca "o ponto de partida das [suas] posições críticas", uma vez que "foi escrevendo esta tese que as defini pela primeira vez de maneira sistemática"[3]. Não há dúvida de que essa reflexão de juventude serviu para pavimentar o caminho que percorreria nos anos seguintes. Todos os equívocos do crítico sergipano foram minuciosamente recenseados pelo jovem Candido, que, seja dito, foi compondo seu retrato a contrapelo do "polígrafo apressado e truculento". Nos estudos clássicos que dedicou a Álvaro Lins, Sérgio Milliet, Lúcia Miguel-Pereira e Mário de Andrade, para citar os mais conhecidos, a simpatia se mostra bem mais pronunciada. Em outros casos ainda, o aproveitamento de um ângulo produtivo foi o ponto de partida para uma formulação de maior amplitude, expandindo em todos os níveis nosso conhecimento sobre um tema de saída relevante[4]. Em todas essas incursões, deixou preciosas indicações sobre seu entendimento da crítica como acumulação de resultados. Visto de longe, formam um conjunto poderoso de comentários, com base nos quais é possível discernir sua maior ou menor afinidade em relação a certas angulações e como a partir destas explicita as suas. Essas intervenções se acham facilmente em sua alentada produção, não restando nenhuma dúvida sobre o empenho em pensar sua própria atividade. Esse fato já foi destacado por inúmeros estudiosos, não sendo mais nenhuma novidade. Certamente em menor número são os trabalhos em que a convergência de ideias com o interlocutor salta aos olhos. Até onde sei, há poucos registros disso em sua volumosa fortuna crítica. Trata-se, enfim, de um terreno a ser explorado. Penso em dois prefácios[5] e em um artigo[6] escritos, em momentos distintos, sobre Sérgio Buarque de Holanda. Este último retoma e amplia o capítulo final de "O significado de Raízes do Brasil", de 1967, de que falaremos adiante, para destacar um aspecto pouco notado do livro: sua abertura para o presente. Trata-se de um vetor silencioso que atravessa *Formação da literatura brasileira*. Os outros dois ensaios são provavelmente o que de mais substantivo se escreveu sobre Sérgio, que não é pouco. Neles estão

[3] CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*, p. 12. Esse depoimento está no prefácio da 2ª edição. Vale lembrar ainda que o livro, originalmente uma tese universitária defendida na Universidade de São Paulo, foi publicado em 1945.

[4] Um bom exemplo disso é o ensaio "Literatura e subdesenvolvimento", no qual Candido toma como ponto de partida uma posição de Mário Vieira de Mello. In: *A educação pela noite e outros ensaios.* São Paulo: Ática, 1987.

[5] Refiro-me aos prefácios de *Raízes do Brasil* (1967) e *Capítulos de literatura colônial* (1991).

[6] O artigo "A visão política de Sérgio Buarque de Holanda" saiu na coletânea de estudos em homenagem ao historiador, organizado pelo próprio Candido, intitulada Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil.

assinalados os aspectos decisivos da perspectiva crítica do historiador e anotações precisas sobre questões metodológicas – já antecipando – comuns aos dois intérpretes.

Convém lembrar que no prefácio a *Raízes do Brasil* Antonio Candido evocou as circunstâncias em que Sérgio Buarque de Holanda concebeu sua obra, os obstáculos que o historiador precisou superar nos planos social e acadêmico e a abordagem verdadeiramente original que ofereceu de nossa formação. Em sua ampla exposição Candido repassa um a um os temas capitais do livro, destacando a riqueza e variedade dos ângulos enfeixados e a pertinência dos resultados obtidos. Na seleção dos pares (cidade e campo, aventura e trabalho, rusticidade e civilização) e no ponto de vista adotado vai muito do método do historiador, que, segundo Candido, baseia-se em uma "metodologia dos contrários", na qual "um determinado aspecto da realidade histórica é obtida, no sentido forte do termo, pelo enfoque simultâneo dos dois; um suscita o outro, ambos se interpenetram e o resultado possui uma grande força de esclarecimento"[7]. Desse modo, "seu método repousa sobre um jogo de oposições e contrastes, que impede o dogmatismo e abre campo para a meditação de tipo dialético"[8].

Toda vez que relemos "O significado de Raízes do Brasil" nos surpreendemos com o acerto do enquadramento, a objetividade dos juízos e a força heurística incomum desse estudo seminal. A partir desse diagnóstico, *Raízes* saltava da estante para dialogar intensamente com o presente, readquirindo uma inesperada atualidade e cumprindo assim uma função de discreta resistência democrática ao ciclo autoritário inaugurado em 1964[9]. Nas boas críticas, clássico é aquela obra que *nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer*, como disse, certa vez, Ítalo Calvino.

Em diversas oportunidades, Candido enfatizou a originalidade de *Raízes do Brasil* em relação à historiografia anterior e mesmo às contemporâneas, como os livros igualmente importantes de Gilberto Freyre. Trata-se da primeira experiência bem sucedida de análise da formação social brasileira a partir de um pensamento radical – uma novidade no Brasil, mas largamente enraizado em países latino-americanos. Sérgio Buarque percebeu a importância das classes médias para a democratização da sociedade brasileira, no momento em que as camadas populares

[7] CANDIDO Antonio. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*, p. xiv.

[8] *Ibidem*, p. xxi.

[9] O prefácio de Candido foi escrito em dezembro de 1967, um ano antes da promulgação do Ato Institucional n.º 5.

permaneciam à margem da vida social e só lentamente, sobretudo depois de 1930, seriam incorporadas ao mercado de trabalho[10]. A força dessa angulação está precisamente em romper com a versão oficial, que atribuía às elites dirigentes a condução do processo político. Com isso, Sérgio Buarque rejeitava o liberalismo, tal como concebido então, que justificava, em última análise, a manutenção das oligarquias no poder.

Embora se voltasse em larga escala para um tempo remoto, cobrindo mais de quatro séculos em poucas páginas, a perspectiva de *Raízes do Brasil*, notadamente o último capítulo, visava ao presente, dialogando com as forças políticas atuantes na sociedade brasileira dos anos de 1930. A aposta na democracia como solução desejável se mostra correta, se lembrarmos que no ano seguinte à sua publicação é instalado o Estado Novo. È bem provável que isso explique a longevidade do livro, que antecipa os riscos contidos nas soluções autoritárias, que prescindem da participação popular. "A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido"[11].

Para descrever a constituição do sistema literário nacional, Candido, como sabemos, adotou deliberadamente o ângulo de nossos românticos, que imaginavam construir a nação através da literatura. Esse intento não era outra coisa senão o desejo das elites e dos setores médios, convencidos de que a Independência política deveria vir acompanhada de algum grau de civilidade na vida cultural. Esse projeto, no entanto, não alterava os fundamentos das relações sociais herdadas da Colônia, uma vez que deixava de fora do mundo das letras uma grande massa de excluídos. Não obstante, encontramos também registros de insatisfação que não teriam como escoar não fosse a literatura escrita em seu período formativo, com todos os seus limites. Em outros casos, coube ao próprio pensamento crítico de ponta, do qual Candido é certamente seu mais ilustre representante, recuperar os momentos de *verdade* que não passavam pela cabeça de seu criador, como nos ensaios "Dialética da Malandragem" e de "Cortiço a Cortiço".

Por trás da "história dos brasileiros no seu desejo de ter uma literatura" se oculta um segredo que o livro desvenda: é possível elaborar uma tradição literária nacional mantendo intocada a estrutura da sociedade, como lembrou recentemente Roberto Schwarz[12]. Aliás, a parcialidade dessa postulação é apontada já na introdução da obra. "Achei interessante estudar o sentido e a validade histórica dessa velha concepção cheia de equívocos"[13].

[10] No ensaio "A Revolução de 1930 e a Cultura", escrito no final da década de 1970, Candido ratificaria essa posição. Ver: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

[11] HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*, p. 119.

[12] Ver SCHWARZ, Roberto. Os sete fôlegos do livro. In: _____. *Seqüências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

[13] CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, v. I, p. 25.

Negar o processo formativo simplesmente por ser obra de nacionalistas do século XIX não parece boa ciência.

Quando foi lançado, em 1959, o nacionalismo era uma força capaz de mobilizar grandes massas em torno de bandeiras como a defesa das riquezas naturais e a defesa de uma cultura livre de influências externas. Havia também outra corrente, bem mais sofisticada e que remonta às décadas de 1920 e 30, que buscava sanar as desigualdades sociais mediante intervenção esclarecida de uma elite dirigente comprometida com um projeto civilizatório, em associação com as camadas médias radicalizadas. Esse consórcio se faria sentir no âmbito do Estado, por meio da adoção de medidas de superação de nosso passado colonial. Mário de Andrade e Celso Furtado, em momentos distintos e cada qual seguindo orientação própria, apostaram em um desfecho favorável desse quadro. Em última análise, e guardando ainda mais as diferenças, para Antonio Candido essa esperança poderia ser potencializada, embora não tivesse ilusões sobre o arranque desenvolvimentista e seu pacote de reformas. Esse anseio cresceria ainda mais nos primeiros anos da década seguinte, dessa vez por conta do acirramento dos conflitos sociais e das disputas ideológicas. A solução democrática, no entanto, seria rapidamente derrotada, em 1964, pela força das armas e, em parte, pela incompetência da esquerda em diagnosticar, com realismo, a correlação de forças existentes na sociedade de então. O cruzamento desses momentos históricos distintos flui como um rio subterrâneo, pois só muito discretamente foi apontado pelo autor[14]. Indiretamente, o desejo de superação do subdesenvolvimento, por meio de uma agenda igualmente patriótica, na década de 1950, era aferido também.

Nesse sentido específico, pode-se argumentar que *Formação da literatura brasileira* se beneficiou do legado de *Raízes do Brasil*, nos termos de que falamos há pouco, já que estão em sintonia com o presente. Ambos formam uma boa alternativa de esquerda a nacionalistas, fascistas e comunistas, muito atuantes nos debates da época. Trata-se enfim de uma descoberta original, certamente motivada pela convicção socialista de Candido. Ter concebido essa perspectiva a léguas de distância do dogmatismo político não foi certamente uma façanha menor.

[14] "O que [os românticos] escreveram corresponde em boa parte ao que os estrangeiros esperavam da literatura brasileira, isto é, um certo exotismo que refresca o ramerrão dos velhos temas. Os velhos temas, são os problemas fundamentais do homem, que eles preferem considerar privilégio das velhas literaturas. **É como dizer que devemos exportar café, cacau ou borracha, deixando a indústria para quem a originou historicamente. E o mais picante é que os atuais nacionalistas literários acabam a contragosto nesta mesma canoa furada, sempre que levam a tese particularista às conseqüências finais**" (CANDIDO, 1997, v. I, p. 17, grifo meu).

Décadas mais tarde, Candido voltaria a se debruçar sobre material inédito deixado pelo historiador sobre a literatura colonial. A dimensão simplesmente monumental do projeto, delineado na década de 1950, ficou patente aos olhos do crítico. Chama atenção o destaque que concedeu, uma vez mais, às questões de método, sobre as quais emitiu juízos certeiros e de grande amplitude, que vêm resistindo aos anos e às modas.

Esse aspecto já justificaria um estudo circunstanciado sobre os vínculos que ligam um autor ao outro. Um estudo comparativo dessa natureza certamente levaria longe. Não sendo meu objetivo discutir isso em escala ampla e de modo exaustivo, resolvi concentrar minha exposição, como uma primeira exploração de campo, no prefácio de *Capítulos de literatura colonial.* Meu interesse é saber se no perfil delineado do grande historiador, e amigo, não encontramos traços que correspondem à fisionomia intelectual do próprio Antonio Candido. Dizendo de outro modo, se é possível identificar, nesse estudo, certos traços constitutivos de seu método, na linha do que ele próprio estabelecera décadas atrás (vide primeira epígrafe). O essencial do que disse acerca de Sérgio Buarque, crítico e do historiador da literatura, está condensado nesse prefácio. O propósito é mostrar, com a força dos exemplos, um caso raro de identidade intelectual. Numa palavra, meu objetivo é discutir aspectos do método de Antonio Candido, tomando por base seu estudo sobre Sérgio Buarque de Holanda, leitor do Arcadismo e do poeta Cláudio Manuel da Costa.

1 Antonio Candido, Historiador do Arcadismo e Crítico de Cláudio Manuel da Costa

A poesia de Cláudio Manoel da Costa gira em torno do "contraste entre o rústico berço mineiro e a experiência intelectual e social da Metrópole", razão do dilaceramento interior do sujeito poético. Sua capacidade em transfigurar artisticamente um problema vivido pelos letrados de seu tempo ainda é capaz de despertar o interesse dos leitores de hoje. Tudo leva a crer que esse conflito de modo algum se esgota em seu âmbito. A experiência que se sedimenta nos seus versos tem raízes fincadas na sociedade colonial da época e nos vínculos estruturais com a Metrópole. Aí reside o acerto da interpretação que Candido oferece do árcade mineiro. A rigor, o tema da dupla fidelidade se irradia para os capítulos subsequentes de *Formação* e, de resto, transpassa toda a experiência estética posterior, chegando aos nossos dias.

Numa carta dirigida a Mário de Andrade o jovem Carlos Drummond não se vexava em se considerar mais francês do que brasileiro, justificando

sua opção pela apatia da vida cultural mineira e, por extensão, brasileira[15]. A distância que separa as inquietações de Cláudio da impaciência de Drummond prova a longa duração do problema, isto é, que ele é transmitido a outras estações literárias e contextos históricos, atualizando-se permanentemente. Ao identificar na obra de Cláudio Manuel da Costa os nexos que ligam uma formulação estética ao andamento da vida social na Colônia, Candido dava um passo decisivo para a decifração da principal experiência histórica do país, isto é, "certo sentimento íntimo de inadequação", o qual o intelectual brasileiro está "condenado a oscilar entre dois níveis de cultura", como lembra Paulo Arantes[16].

As tensões apontadas anteriormente, ao que parece, são menos constrangedoras na atual fase de expansão do mercado mundial. Basta lembrar que a atual hegemonia conservadora propõe simplesmente suprimir a referência à nação em favor de um universalismo abstrato, espécie de passaporte para o paraíso do mercado globalizado. Voltando às conexões internas da poesia de Cláudio, nela "se corporifica o movimento estético da Arcádia no que tem de profundo, pois tendo partido do Cultismo, chega ao neoclássico por uma recuperação do Quinhentismo português", lembra Candido. Versado na tradição clássica, tomada esta em sentido amplo e diversificado, o árcade mineiro mostrava-se sintonizado com os grandes temas da época, como mostra Candido:

> A formação que levou da pátria e reforçou inicialmente em Portugal foi, portanto, barroca; de todos os poetas novos é o que maior liame conserva com a tradição. No entanto, a sua sensibilidade deve ter-lhe apontado desde logo [...] a inviabilidade do estilo ***culto***, já esgotado em Portugal pelos desmandos do mau gosto, para exprimir o espírito do século e as novas concepções [...]. No soneto, pôde exprimir o jogo intelectual que prezava, e cabia perfeitamente na linha desta forma poética, forjada nos moldes da dialética medieval e a seguir enriquecida com a exuberância formal do Renascimento. Nele, pôde ainda vazar o amor pela imagem peregrina, a rima sonora e a metáfora, herdadas do barroco: pois assim como o equilíbrio quinhentista de Camões ou Diogo Bernardes deslizou

[15] "Detesto o Brasil como a um ambiente nocivo à expansão do meu espírito. Sou hereditariamente europeu, ou antes: francês. Amo a França como um ambiente propício, etc. [...] Agora, como acho indecente continuar a ser francês no Brasil, tenho que renunciar à única tradição verdadeiramente respeitável para mim, a tradição francesa. Tenho que resignar-me a ser indígena entre os indígenas, sem ilusões...". *Carlos e Mário*: Correspondência de Carlos Drummond de Andrade e Mário de Andrade. Organização e notas de: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi, 2002. p. 59.

[16] ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p. 16.

> insensivelmente para o Cultismo, quase como para um complemento natural, ele pôde remontar deste àquele, sem perder as opulências de conceito e imagem aprendidas em Quevedo e Gongora. Nos sonetos se encontra pois, de modo geral, a sua mais alta realização, e não constitui novidade escrever que é dos maiores cultores desta forma em nossa língua[17].

A longa transcrição se justifica, pois nela estão contidas indicações valiosas sobre o método de nosso autor. Em primeiro lugar, o emprego parcimonioso e muito mediado dos dados biográficos do poeta, reportados nos próprios poemas, mas que não substituem a análise objetiva. "Do bairrista ao árcade; dele ao *ilustrado* e deste ao inconfidente, há um traçado que se pode rastrear na obra"[18]. Em Candido (e também em Sérgio Buarque, como veremos adiante) esse aspecto é apenas, por assim dizer, um dos termos da equação interpretativa, que por sua vez é mediado por outros, bem mais importantes, aos quais se subordina. Relevar a biografia do poeta em um momento em que a crítica biográfica era contraditada por um novo padrão de cientificidade (o *new criticism*) não foi um gesto menos ousado. O mais importante é que sua razão de ser foi confirmada pela própria análise.

Ponderando a divisão dos períodos, Candido nota também que na principal antítese de sua poesia (rusticidade e civilização) há um resíduo barroco. Esse movimento sinuoso não teria como ser expresso apenas com os recursos neoclássicos, que, de um modo geral, apontavam para a simplicidade, naturalidade e didatismo. Em reforço a esse detalhe, observa que, em passagens importantes, o poeta mineiro recorre ao hipérbato, "recurso culterano por excelência utilizado por Gongora com admirável sentido expressivo e banido pelos árcades"[19].

Portanto, para se entender a posição peculiar de Cláudio, é preciso deixar de lado certo esquema idealista, que tende a escalonar as escolas literárias em uma linha de progressão, que dilui qualquer comunicação entre os movimentos artísticos, estudados isoladamente, como fatos "em si". Essa lei suprema subtrai a historicidade das formas artísticas. O perfil desse "quinhentista filtrado através do Barroco" escapava ao padrão historiográfico dominante à época, como mostra a passagem seguinte:

[17] CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, v. I, p. 88-89.

[18] *Ibidem,* p. 88.

[19] *Ibidem*, p. 92.

> A referida "imaginação da pedra" nos permite entrever outros aspectos da sua impregnação barroca. Vimos que ela exprime vivências profundas, ligadas ao meio natal, e sabemos que o rochedo e a caverna fascinaram o Culteranismo, talvez pela irregularidade poderosa com que representam movimentos plásticos. Em Cláudio, a sua ocorrência mostra como a sensibilidade buscava certas constantes barrocas, por tropismo e pela eloqüência com que, opostas ao sentimento, podiam exprimir uma daquelas fortes antíteses que lhe eram caras[20].

Em suma, não há como compor a figura de Cláudio Manuel da Costa sem referência ao Barroco. Para cruzar essas referências, no entanto, foi preciso remover as barreiras cronológicas que impediam a percepção dos nexos que ligavam uma escola literária à outra. Daí o sobe e desce no tempo; daí a análise oscilar entre o século XVI e o século XVIII, sem tal recurso a contradição entre antigo e moderno não pode ser capturada. Não há nada de idiossincrásico nesses "movimentos de leitor". Antes, corresponde a uma exigência do próprio objeto que o crítico precisa conhecer. Tanto quanto possível o método deve ser desenvolvido a partir do objeto. Mais do que isso, as discussões metodológicas só se tornam de fato relevantes quando expressam problemas efetivos, como a transmissão contemporânea do passado.

2 Sérgio Buarque, Historiador do Arcadismo e Crítico de Cláudio Manuel da Costa

No capítulo sobre o Arcadismo ("O ideal arcádico"), Sérgio Buarque chama atenção para os riscos de se isolar as fases da História, como fazem certas correntes historiográficas, sob o pretexto de que a explicação de momentos delimitados está contida em si mesma. Tal expediente incorre em grave equívoco, que consiste "em repartir-se a história da humanidade em seções absolutamente distintas e separadas, uma das outras, por barreiras poderosas ou imobilizadas como as estátuas num museu"[21]. O corte transversal não está descartado, mas sua utilização só se justificaria como "pausa momentânea". A não observância desse princípio expressava, a seus olhos, certo ranço dogmático, que ele antevia nos estudos recentes (isto é, década de 1950) sobre o Barroco, que conferiam ao conceito, segundo o mesmo Sérgio Buarque, uma "latitude imprevisível", como se fosse possível

[20] *Idem.*

[21] HOLANDA, Sérgio Buarque. *Capítulos de literatura colonial*, p. 177.

obter "uma unidade coerente, compacta, inconfundível em todos os seus aspectos, sempre igual a si mesma", pronta para se contrapor ao Renascimento. A voga do Barroco, e sua idealização (alienação?) conceitual, deixava escapar certo açodamento em aderir sem resto ao debate internacional, fixando-se numa unidade de sentido falaciosa quando não se convertendo, no pior dos casos, em uma mera pregação conceitual[22].

Com efeito, para se entender adequadamente um poeta como Cláudio Manoel da Costa, é preciso pensá-lo em uma linha de continuidade relativa com certas tendências vindas de períodos anteriores, com as quais o doutor em Cânone se mostrava totalmente familiarizado. Formado em Portugal, estava a par da iniciativa de artistas portugueses em buscar uma alternativa cultural à influência espanhola, mediante aproximação de franceses e italianos. A aliança, no caso, tinha um fundo patriótico considerável, pois visava, em última análise, a reparação das "cicatrizes das guerras recentes e, ainda mais, a lembrança da humilhação sob o jugo dos Felipes"[23]. Segue a síntese da formulação:

> De qualquer modo, é lícito dizer-se que no Brasil, como em Portugal, o despojamento das complicações seiscentistas caminha paralelamente com o declinar das influências espanholas nas letras e o enaltecimento correspondente, não só dos quinhentistas portugueses como dos autores italianos mais recentes e, depois, também dos franceses. O singular êxito que logo alcançou entre os portugueses dos dois mundos uma instituição tipicamente setecentista e italiana como foi a Arcádia, é explicável, ao mesmo em parte, por essas circunstâncias. Os árcades surgiram expressamente para combater o "mau gosto", e mau gosto para os portugueses da época era sinônimo de gosto espanhol [...][24].

Apoiando-se em uma observação de Emil Ermantinger[25] sobre a função dos trajes para a identidade e o status na era barroca, Sérgio Buarque mostra como o Arcadismo viu no século XVI um aliado longínquo contra os excessos do Barroco. Não obstante, o "culto do bom gosto", praticado pelos "movimentos poéticos dos Setecentos", não deixava de ser "uma noção barroca" a seu modo. "Cultistas seriam também os árcades, à sua maneira: a diferença reside nisto apenas, que, desta vez, é 'culto' o 'natural' o singelo,

[22] É bem provável que Sérgio Buarque estivesse se referindo ao estudo de Afrânio Coutinho sobre o Barroco, publicado na década de 1950. O historiador estava atento, portanto, às lutas sociais do período e seu prolongamento na esfera acadêmica.

[23] HOLANDA, Sérgio Buarque. *Op. cit.*, p. 181.

[24] *Ibidem*, p. 180.

[25] "É como se o homem da era barroca, atormentado por uma profunda insegurança acerca de seu valor próprio, devesse recorrer a esse aparato exterior a fim de ganhar com isso uma grandeza que em si mesmo e por si mesmo não tem". ERMANTINGER *apud* HOLANDA, Sérgio Buarque. *Capítulos de literatura colonial*, p. 220.

quando, no século XVII, 'culto' fora o rebuscado e o obscuro"[26]. Seja como for, a tendência a "exprimir-se em palavras inteligíveis" explica o êxito obtido pelo Arcadismo, sobretudo em Portugal e no Brasil. Ao superar a escola adversária, esta nova corrente artística impôs assim outra convenção literária, que anos mais tarde seria criticada pelos românticos brasileiros por sua artificialidade e distância em relação à cor local. Adiante, Sérgio Buarque comenta esta alegação:

> No caso brasileiro, além disso, a rusticidade galante e polida que o Arcadismo cultivou parecia tão longe da nossa rusticidade real quanto o era das sociedades mais cultas. De sorte que seu encanto, se este lhe vinha do fato de tornar possível uma evasão da existência quotidiana, podia exercer-se indiferentemente na corte e na aldeia, nas metrópoles mais ilustradas e nas colônias rudes e longínquas[27].

Entre parênteses, a observação feita na frase inicial da citação anterior guarda incrível semelhança com outra de *Formação*, na qual Candido também relativiza a restrição romântica à poesia bucólica, uma vez que "ela [a poesia bucólica] foi aqui mais *natural* e justificada, pois dava expressão a um diálogo por vezes angustiosamente travado entre civilização e primitivismo"[28]. De resto, esse vetor vai reaparecer logo no parágrafo inicial do capítulo sobre Cláudio Manoel da Costa, quando afirma que em seus poemas "domina insistente e angustiada a nostalgia de quem – são palavras suas – se sente na própria pátria peregrino"[29]. Daí a percepção do artista de se sentir um desterrado em sua própria terra, como Sérgio Buarque sugere no início de seu estudo[30], recuperando formulação famosa de *Raízes do Brasil*.

Os pressupostos de método e perspectiva de análise, que acabamos de identificar, estão presentes no estudo desenvolvido por Candido a partir do material inédito deixado por Sérgio Buarque de Holanda, relativamente à literatura colonial. Mais do que uma mera coincidência, essa proximidade insinua uma convergência de ideias e propósitos, que deveria motivar estudos comparativos acerca do método tal como ambos o concebem. A seguir, um primeiro esboço disso.

[26] HOLANDA, S. B. *Op. cit.*, p. 224.
[27] *Ibidem*, p. 225.
[28] CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*, v. I, p. 60.
[29] HOLANDA, Sérgio Buarque. *Op. cit.*, p. 227.
[30] *Ibidem*, p. 228.

3 Antonio Candido Comenta Sérgio Buarque, Historiador do Arcadismo...

Candido se mostra bastante familiarizado com os pressupostos de método e os instrumentos de análise desenvolvidos pelo historiador, aprovando cada ponto da exposição. Especialmente importante é a passagem seguinte:

> Ele [o material inédito] serve para esclarecer o método que Sérgio usaria com certeza em toda a obra e parece obedecer a um sentido de continuidade vertical dos estilos no tempo, sem se amarrar ao corte horizontal das divisões de períodos. O corte horizontal levaria, por exemplo, a tratar Frei Itaparica numa chave ligada à dissolução tardia do cultismo, e Frei São Carlos entre os últimos árcades. Mas Sérgio mostra que a poesia religiosa praticada por ambos forma um veio cuja continuidade relativa se sobrepõe à passagem convencional das fases[31].

Como lembra ainda Candido, o "método de Sérgio [...] revela claramente a importância de enfeixar diversos ângulos e procedimentos para esclarecer o significado dos textos"[32]. Desnecessário dizer que Candido também procede de modo semelhante. Essa liberdade permite uma leitura bem mais rica do Arcadismo, deixando para trás certa tendência a restringi-lo a uma única faixa temporal e, por conseguinte, cortando o que porventura possa haver de comunicação entre os períodos. Ao adotar esse procedimento, Sérgio Buarque abriu perspectivas novas de análise, que Candido denominou "pesquisa da constituição do texto", uma vez que:

> Não se trata da análise típica, voltada para dentro deste à busca do conhecimento de sua estrutura; mas de uma análise que parte do texto e se expande para fora dele, procurando vincular as suas expressões, os seus temas, a sua visão do mundo a fontes e análogos, de maneira a situá-lo num tecido de cultura que mostra ao mesmo tempo a sua singularidade e a sua integração em contextos gerais[33].

[31] CANDIDO, Antonio. Introdução. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Capítulos de literatura colonial*, p. 14.

[32] *Ibidem*, p. 18.

[33] *Ibidem*, p. 22-23.

A propósito da "análise que parte do texto e se expande para fora dele", não custa lembrar que Candido, algumas décadas atrás, dava uma versão parecida, embora invertendo a mão, ao sustentar que "o externo importa [...] como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno"[34].

Como sabemos, Barroco e Arcadismo foram ensinados tradicionalmente no Brasil como movimentos que se excluem mutuamente. Ao contrário dessa orientação, Sérgio Buarque procura desvendar a relação de continuidade e descontinuidade entre esses dois períodos. Disso resulta um entendimento mais adequado da poesia de Cláudio Manuel da Costa. Candido alude a passagens da reflexão do historiador, nas quais o Barroco se prolonga para além de seu marco cronológico, constituindo esse procedimento um fator decisivo para a apreensão do poeta mineiro em linha de continuidade com aquele movimento:

> Como o cultismo chegou atrasado no Brasil e se prolongou muito esse veio fluiu quase até a Independência – concepção que é mais um exemplo da visão longitudinal oposta à visão transversal, quase obrigatória na historiografia da literatura. Sérgio acha que o Arcadismo e seu humanismo inovador foi um fato isolado, que nem repercutiu imediatamente, nem cortou o florescimento das tendências ligadas ao Barroco tardio[35].

Mais adiante, Candido salienta a guinada que Sérgio Buarque promoveu nos estudos clássicos, ao perseguir a sobrevivência de certos traços de estilo em uma visada de longo curso:

> De tudo resulta uma visão mais rica do Arcadismo, pois ele evita as simplificações e, ao mesmo tempo em que procura destacar os seus traços próprios, indica as sobrevivências cultistas e renascentistas. Particularmente brilhante é a análise de certos traços como "sensibilidade", "naturalidade", "individualismo", que ele cerca de vários lados, recorrendo a instrumentos que vão da semântica à filosofia e mostrando, por exemplo, como tais conceitos correspondiam a coisas diferentes no passado (barroco) e no futuro (Romantismo), de modo a desencorajar os caçadores de prés e pós no estudo das fases literárias[36].

[34] Consultar do autor: *Literatura e sociedade*. 7. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985. p. 4.

[35] CANDIDO, Antonio. Introdução. In: Holanda, Sérgio Buarque. *Capítulos de literatura colonial*, p. 16.

[36] *Ibidem*, p. 20.

A ênfase no caráter de transição de Cláudio é uma boa prova da fecundidade desse enfoque, ao restituir à sua poesia um dinamismo que paulatinamente foi sendo dissolvido na periodização convencional:

> Nesse trabalho, fica patente o já referido senso das coalescências, que dissolve as divisões de períodos e restaura o movimento da tradição, fazendo ver o jogo indissolúvel de semelhança e da diferença como peculiar ao processo histórico das literaturas, e como instrumento mediante o qual o crítico deverá caracterizar cada autor, no que possui de próprio e de comum. Graças a esse procedimento sutil, Sérgio sugere como Cláudio é realmente antigo e moderno, renovador na intenção e arcaizante no impulso[37].

Vale dizer que a *técnica sergiobuarquiana* de "enfeixar diversos ângulos e procedimentos para esclarecer o significado dos textos" só é possível graças à erudição fabulosa do historiador. Essa mobilidade incomum lhe permite transitar por uma ampla área de conhecimento, englobando várias culturas, literaturas etc. A propósito, essa *performance* impõe obstáculos reais a quem se disponha seguir um tão rico método. Candido comenta essa dificuldade em duas passagens antológicas:

> Graças a um movimento de constante vaivém, que às vezes deixa o leitor meio perplexo, até perceber que se trata do esforço de captar o próprio ritmo da história literária e cultural, Sérgio faz e desfaz a trama da sua visão crítica, detectando o traço barroco (por exemplo), mas logo a seguir lembrando que a raiz pode ser renascentista, por sua vez referível à tradição petrarquista, que no entanto remonta ao passado greco-latino, tudo se misturando afinal segundo as correntes do próprio século XVIII. De modo que as coisas são e não são, as classificações se dissolvem e o crítico pode mostrar, não por meio de formulações genéricas, mas no concreto das referências, como o tecido da obra literária é uma encruzilhada secular na qual vem bater toda a aventura espiritual do Ocidente[38].

[37] *Ibidem*, p. 23.
[38] *Ibidem*, p. 21-22.

Uma derradeira observação:

> Com Sérgio, eu pensava parecido e gostaria, se fosse capaz, de ter feito coisas que ele fez. O tipo de análise que ele faz aqui e eu chamei de "constituição do texto", teria sido o meu ideal [isto é] ver o texto não como um "condicionado", mas como um "articulado". Ele se articula com o ciclo da civilização a que pertence, como no caso da extraordinária análise de Cláudio Manuel da Costa, que é uma lição de consciência da temporalidade [...]. Sérgio circula no tempo, vai até Petrarca, vem até Lope de Vega, vai até Dante Alighieri, vem a Metastasio, volta para Cláudio Manuel da Costa, a constelação vai se formando e você sente que para explicar aquele texto curto de quatorze versos ele mobiliza a civilização do Ocidente[39].

Se o leitor se dispuser a comparar os momentos da reflexão de Sérgio Buarque, aludidos acima, com os capítulos iniciais de *Formação* que tratam do Arcadismo e seus laços com a tradição, não tardará a encontrar semelhanças entre os dois diagnósticos. São passos importantes da reflexão histórico-estética de Candido que de modo algum devem permanecer restritos à obra de seu amigo e interlocutor, uma vez que iluminam aspectos de seu próprio método crítico.

4 Considerações Finais

A fim de apreciar melhor os laços de afinidade que ligam Candido a Sérgio Buarque, selecionei passagens capitais do prefácio de *Capítulos de literatura colonial*, nas quais essas convergências ficam visíveis. Conforme já disse, o método desenvolvido por cada um deles está em estreita relação com o objeto. De modo algum se trata de importar um pacote pronto de fábrica, do tipo *made in usa*, e aplicá-lo a um conteúdo que lhe é estranho. A visão longitudinal, diferentemente do corte transversal, oferece um campo vasto de exploração, despertando o interesse pela "continuidade relativa" dos estilos no tempo, contrabalançando assim o que porventura possa haver de rigidez nas "passagens convencionais das fases". O ângulo retrospectivo, digamos assim, não anula o movimento inverso, o prospectivo. Graças a isso, observa Candido, é possível deslizar permanentemente no tempo, em

[39] Trata-se da última intervenção feita por Candido no debate que se seguiu à apresentação de seu estudo. O material seria publicado depois como Introdução de *Capítulos de literatura colonial*. Consultar: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *3º Colóquio UERJ*. Direção de: Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 116.

um constante vai-e-vem, em um abrir e fechar à maneira de um leque: de um lado, ampliando o campo de visão de um determinado problema, encarado assim na amplitude em que ele se apresenta e se desdobra no tempo, mas sem se esquecer, por outro lado, do foco inicial de onde partiu e ao qual retorna. Em *Formação*, ele desenvolveu semelhante método histórico-estético, que permite pensar Arcadismo e Romantismo em solidariedade estreita, "pois se a atitude estética os separa radicalmente, a vocação histórica os aproxima".

Todos esses procedimentos, enfim, facultam a elaboração de um retrato mais rico do poeta, contornando o que possa haver de rígido no "corte horizontal das divisões de períodos". Assim sendo, a originalidade da poesia de Cláudio está precisamente no modo como "tendo partido do Cultismo, chega ao neoclássico por uma recuperação do Quinhentismo português", como lemos em *Formação*. Esse avanço e recuo no tempo (visão longitudinal) é uma bela expressão do método de nossos dois personagens. É natural que as escolas literárias se relacionem de maneira tensa, mas isso não quer dizer que se excluam. A relação dialética que há entre elas nos obriga a pensar na continuidade e descontinuidade da matéria literária, o presente à luz do passado, e vice-versa. Cláudio Manuel da Costa transitou por períodos literários distintos, a fim de obter uma dicção nova no tempo, adequada à expressão das condições de vida de um letrado da Colônia instado a viver em sua figura os conflitos derivados da dupla fidelidade. Como sabemos, o livro se prestou a severas restrições, sobretudo pela ausência do Barroco. Vimos que essa objeção não tem fundamento já que a apreciação da poesia de Cláudio depende da tradição anterior ao Arcadismo.

Em larga medida, Candido e Sérgio Buarque realizaram suas pesquisas mais ou menos na mesma época, com a diferença que só o primeiro publicou seus resultados na íntegra. É preciso ponderar isso, já que estamos comparando uma obra acabada com rascunhos, esboços, enfim, com um material que mesmo bem desenvolvido não chegou a seu termo final. Nada, no entanto, que desautorize a comparação. Conforme disse no início, esta exposição deve ser entendida como uma primeira avaliação do método crítico de Antonio Candido, a partir de seus estudos sobre Sérgio Buarque de Holanda, leitor do Arcadismo e do poeta Cláudio Manuel da Costa. Desnecessário dizer que essa via não exclui as demais. Em todo caso, creio que no prefácio de *Capítulos de literatura colonial*, Candido deixou pistas importantes do que ele próprio já havia realizado em *Formação*. Trata-se, a meu ver, de um caso exemplar de afinidade intelectual, que ainda precisa ser explorado. Mais uma vez é preciso dar razão a Candido: de fato *a crítica dos críticos é muitas vezes programa.*

RESUMO

Este trabalho objetiva discutir aspectos do método de Antonio Candido, tomando por base seus estudos sobre Sérgio Buarque de Holanda, leitor do Arcadismo e do poeta Cláudio Manuel da Costa.

Palavras-chave: *Antonio Candido*; *método crítico*; *Sérgio Buarque de Holanda*.

ABSTRACT

This work aims at discussing some aspects of Antonio Candido's method, on the basis of his studies on Sérgio Buarque de Holanda as reader of Brazilian Arcadian literary style and of the poet Cláudio Manuel da Costa.

Key-words: *Antonio Candido*; *critical method*; *Sérgio Buarque de Holanda*.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, A. *O método crítico de Sílvio Romero*. 4. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azulo, 2006.

_____. O significado de Raízes do Brasil. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 17. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios.* São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Formação da literatura brasileira*. 8. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

_____. A visão política de Sérgio Buarque de Holanda. In: CANDIDO, Antonio (Org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

_____. *Capítulos de literatura colonial*. Organização e Introdução de: Antonio Candido. São Paulo: Brasiliense, 1991.

_____. Sérgio Buarque de Holanda. *3º Colóquio UERJ.* Rio de Janeiro: Imago, 1992.

Submetido em: 20/03/2008.

Aceito em: 25/11/2008.